



UM LEGADO QUE ATRAVESSOU GERAÇÕES

A divisa azul e branca representa a histórica Ganadaria Palha, que foi fundada em 1848 por António José Pereira Palha. Com 750 ha de extensão em plena lezíria ribatejana, a herdade da Adema onde pasta esta mítica ganadaria brava é o local ideal para observar a vida animal em plena liberdade. A presença assídua de toiros nas principais feiras taurinas demonstram que esta ganadaria é verdadeiramente uma marca reconhecida a nível internacional.

"Para se ser aficionado é preciso que se tenha um cromossoma, uma razão genética que nos traz a vontade e a paixão pelo toiro bravo e pela arte tauromáquica. Penso que só isso explica o porquê de na mesma família termos gente aficionada e não aficionada", refere João Folque e continua: "Para mim o toiro representa uma enorme paixão. Desde pequeno que estou habituado a contactar com o toiro e a participar da vida no campo. Hoje tenho a possibilidade e os meios para dar continuidade à ganadaria, o que significa uma enorme responsabilidade, que carrego com alegria e satisfação, pois estou a fazer algo de que gosto, que é criar o toiro bravo". Do ponto de vista histórico, remonta ao século XIX a constituição da Ganadaria Palha através da aquisição por António José Pereira Palha de animais oriundos da real vacada "Vasqueña" do rei D. Miguel, as quais são cruzadas em 1871 com sementais Concha Y Sierra e Miura, adquiridos por José Pereira Palha Blanco, sucessor do primeiro titular, que modifica o ferro e a divisa inicial.



Em setembro de 1854 o primeiro toiro criado pela Ganadaria Palha subiu à praça do Campo de Santana, em Lisboa, com um cartel composto por três cavaleiros de nacionalidade portuguesa, francesa e espanhola, respetivamente.

Chegados a 1883 deu-se a apresentação oficial da ganadaria a nível internacional, com uma corrida completa lidada na praça madrilenha. A partir deste momento, esta exploração dedicada à criação do toiro bravo começou a ser uma presença constante nas principais feiras taurinas espanholas, sendo ainda hoje frequentemente solicitada para as praças de primeira categoria do país vizinho.

Em 1937 herdaram a ganadaria Francisco e Carlos Van-Zeller Palha, netos de Palha-Blanco. Até aqui a linha genética da ganadaria residia essencialmente na casta Vasqueña, o qual posteriormente foi modificado para a casta Vista Hermosa.

Em 1980, e após falecimento daqueles irmãos, foi a ganadaria adquirida pelos irmãos Botelho Neves e Folque de Mendonça, trinetos de Palha Blanco, os quais introduzem sementais de Ribeiro Telles, comprando posteriormente vacas e sementais de Oliveira Irmãos e, ainda, sementais de Torrealta.

Em 1994, a ganadaria acabaria por ser dividida entre os irmãos. Mais tarde, o efetivo da ganadaria foi aumentado com vacas e sementais Contrera via Baltasar Iban e Pinto Barreiros através de Oliveira Irmãos.

Hoje, o atual proprietário, João Folque assume a relevância e a importância desta ganadaria portuguesa no estrangeiro, relembrando os principais prémios atribuídos aos toiros de lide criados na herdade da Adema. "Posso referir os cinco galardões de 'Melhor Corrida' e 'Melhor Toiro' em Madrid e os três prémios de 'Melhor Corrida' e 'Melhor Toiro' em Sevilha. Estas são as principais distinções que se pode receber no mundo taurino", sublinha o ganadeiro.

Se definirmos o toiro da Ganadaria Palha identifica-se como um tipo de toiro com casta, força, agressividade, ferocidade, que não facilita a vida aos toureiros mas que sobretudo proporciona um grande espetáculo. Por outras palavras, todas estas características têm de estar presentes dentro desta ganadaria. "O momento da lide demonstra a supremacia da inteligência sobre a força bruta. Esta é a razão de ser da tauromaquia. A emoção tem de surgir tanto do sentimento estético que nos transmite, mas igualmente do sentimento de perigo que a acompanha", acrescenta o ganadeiro.

Portanto, no momento do processo de seleção, João Folque procura animais que representem agressividade, poder físico, vontade de lutar, ou seja, características intrínsecas e básicas que sustentam a sua visão da tauromaquia e que têm de estar patentes nos futuros pais da ganadaria, assegurando o critério da imprevisibilidade.

"Nós nunca aprovamos mais do que cerca de 25% das novilhas, mantendo sempre o rigor, a seriedade e a exigência na seleção. Aqui a tenta divide-se em dois momentos distintos: a sorte de varas e o toureio com a muleta. Primeiro pretende-se medir o nível de bravura, a forma, a atitude e



a intensidade e a prontidão com que a novilha acomete ao cavalo; depois o comportamento debaixo do peito do cavalo; e finalmente a forma como se comporta diante da muleta – a investida, o galope, a prontidão, o recorrido, a humilhação. Só através destes fatores que intuitivamente o animal nos transmite é que decidimos apurar ou refugar o animal", explica João Folque.

Esta exploração demonstra uma enorme preocupação com o bem-estar dos animais, contribuindo para a preservação e conservação do meio ambiente onde estão inseridos. Por isso mesmo, o ganadeiro

defende que o toiro bravo deve ter o mínimo contacto possível com o Homem, afirmando mesmo que este não tem de estar habituado ao movimento ou às pessoas. Fala-se de um animal bravo que necessita de espaço e de tranquilidade. Da mesma forma a alimentação está vocacionada para nutrir o toiro como se de um atleta se tratasse. A lide é sinónimo de uma dose intensa de esforço, logo o animal tem de estar preparado fisicamente para dar o seu melhor e ter durabilidade, mostrando-se poderoso na luta em praça. "O toureio é uma arte universal, mas de facto penso que a atividade tauromáquica em Portugal não está a ser gerida da melhor forma. Esta é uma festa do campo, que se cria à volta desses territórios, onde os aficionados mostram a sua 'afición' pela arte tauromáquica. Mas essa cultura taurina nota-se com maior fervor em determinadas regiões, portanto torna-se difícil criar expectativas em relação ao futuro", termina João Folque.

